

## Violência da Mulher no Brasil 2021

Fiori Simões de Freitas<sup>1</sup>

Vanessa Meirelles<sup>2</sup>

Melissa Ágda da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Esse artigo discute o evento promovido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose intitulado “Necropolítica e vulnerabilidades no contexto da pandemia”. Givânia Silva, Fe Maidel e Renata Alves problematizaram a violência sofrida por mulheres negras, quilombolas, LGBTQIA+ no Brasil durante a pandemia e suas possibilidades de se reorganizarem e sobreviverem. A intersecção de suas narrativas pela teoria da identidade enquanto metamorfose trouxe à pauta ações conjuntas contra o individualismo, a desconstrução e a mudança de uma identidade enraizada no patriarcado, a resistência das mulheres e seu papel nas mudanças, como a de políticas públicas.

**Palavras-chave:** Pandemia; Comunidade LGBTQIA+; Comunidade quilombola; Metamorfose; Identidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), onde integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM). Autor da pesquisa “População em situação de rua a realidade social”, que se tornou um projeto fixo no Abrigo Institucional de Taubaté. Atua em pesquisas relacionadas a relações étnico-raciais, identidade e construção da masculinidade, feminilidade, gênero e sexismo na linha da psicologia sócio-histórica. <https://orcid.org/0000-0002-5866-3961>. <http://lattes.cnpq.br/4742408149820003>. [fiorisimoes2.1@gmail.com](mailto:fiorisimoes2.1@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Psicopedagoga especialista em Educação pela Escuela de Psicopedagogia de Buenos Aires EPSIBA; Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Identidade-Metamorfose (NEPIM) da PUC-SP. Co-fundadora e coordenadora de projetos da Associação Sócio-educacional FabricAções; Idealizadora do núcleo de trabalho MulherAção; Bolsista da ONU/OIT e certificadora do programa ISUN/IMESUN através do projeto Novos Negócios Novas Realidades na América Latina. <https://orcid.org/0000-0001-9836-1610>. <http://lattes.cnpq.br/9844518673727913>. [vanessameirelles@fabricacoes.org.br](mailto:vanessameirelles@fabricacoes.org.br).

<sup>3</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2022/2023); Formação em Psicanálise pela CLIPP/EBP-SP (2020); Especialista em Psicologia e Relações Étnico-Raciais pelo Instituto Amma Psique e Negritude (2019); Aperfeiçoamento em Psicodiagnóstico, Avaliação Psicológica e Neuropsicológica pelo CEPPS (2018); Especialista em Psicologia Clínica Hospitalar pelo HC/FMUSP (2017); Bacharel em Psicologia pela UNIFESP (2016). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Apresentação de Paciente e Psicose; Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Atendimento de Crianças e Adolescentes e do Núcleo Psicanálise e Medicina na CLIPP/EBP-SP. Psicanalista associada à CLIPP/EBP. Pesquisadora sobre Identidade, Relações Étnico-Raciais e Psicanálise. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM) da PUC-SP. Fundadora da Ádapo: Diversidade, Inclusão e Saúde. <https://orcid.org/0000-0001-9558-494X>. <http://lattes.cnpq.br/2210629489344895>. [melissa.agdas@gmail.com](mailto:melissa.agdas@gmail.com).

# ..... Artigo ..... .....

## *Violence against women in Brazil 2021*

### **Abstract**

*This article discusses the event promoted by the Center for Studies and Research in Identity-Metamorphosis entitled “Necropolitics and vulnerabilities in the context of the pandemic”. Givânia Silva, Fe Maidel and Renata Alves problematized the violence suffered by black, quilombola and LGBTQIA+ women in Brazil during the pandemic and their possibilities to reorganize and survive. The intersection of their narratives with the theory of identity as a metamorphosis brought to the agenda joint actions against individualism, the deconstruction and change of an identity rooted in patriarchy, women's resistance and their role in changes, such as public policies.*

**Keywords:** *Pandemic; LGBTQIA+ community; Quilombola community; Metamorphoses; Identity.*

## *Violencia contra la mujer en Brasil 2021*

### **Resumen**

*Este artículo aborda el evento promovido por el Centro de Estudios e Investigaciones en Identidad-Metamorfosis titulado “Necropolítica y vulnerabilidades en el contexto de la pandemia”. Givânia Silva, Fe Maidel y Renata Alves problematizaron la violencia sufrida por mujeres negras, quilombolas, LGBTQIA+ en Brasil durante la pandemia y sus posibilidades de reorganización y supervivencia. La intersección de sus narrativas con la teoría de la identidad como metamorfosis trajo a la agenda acciones conjuntas contra el individualismo, la deconstrucción y el cambio de una identidad arraigada en el patriarcado, la resistencia de las mujeres y su papel en los cambios, como las políticas públicas.*

**Palabras clave:** *Pandemia; Comunidad LGBTQIA+; Comunidad quilombola; Metamorfosis; Identidad.*

## **1 INTRODUÇÃO**

*“[...] um futuro no qual as identidades criadas pelo colonialismo  
possam dissolver-se”  
(ALCOFF, 2016, p. 137).*

A intelectual brasileira Lélia Gonzalez, em muitas de suas entrevistas, frisava que o importante é estarmos sempre atentos aos processos que ocorrem em nossa sociedade e trabalharmos para a transformação do real (GONZALEZ, 1984). Nesse sentido, na data de 08 de setembro de 2021 a Professora Dra. Cecília Pescatore Alves deu continuidade ao evento promovido pelo NEPIM, intitulado “Necropolítica e vulnerabilidades no contexto da pandemia”. Nesse dia, o espaço foi ocupado por três mulheres: Givânia Silva, educadora,

# Artigo

quilombola e especialista em Programação de Desenvolvimento Local e Sustentável; Fe Maidel, psicóloga e comunicadora social, especialista em sexualidade e gênero, co-fundadora da Associação de Profissionais da Saúde Integral Travestis, Transexuais e Intersexos e assessora de coordenação de políticas LGBTQIA+ da Secretaria dos Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo; e Renata Alves, psicóloga, especialista em Impactos da violência na saúde e co-fundadora da ÁDAPO. Juntas, elas problematizaram a violência dessa parcela da população no Brasil de 2021 e pensaram sobre as possibilidades de reorganização para sobreviver “coletivamente à tormenta conservadora – neoliberal e – por que não? – com traços de fascistização política e social” (MANO; FALQUET, 2021, p. 21).

Antes de enveredarmos pelo debate desenvolvido, é necessário definirmos alguns denominadores comuns. O primeiro deles? Não somos todas uma única mulher. Esse ponto de partida nos obriga a refletir na direção da (des)naturalização da ideia da mulher universal, como sugerem pensadoras brasileiras e francesas (CARNEIRO, 2019; MATHIEU, 2021; RIBEIRO, 2020; WITTIG, 2019). E, para essa tarefa, é preciso irmos além do exame dos fatos que compõem esse cenário de violência naturalizada e que impede enxergarmos a opressão. É vital criticarmos e refletirmos sobre a construção social de homens e mulheres, categorias que, segundo Mathieu (2021), devem ser pensadas juntas, visto a relação social dialética de poder que as produz – longe da natureza, abdicando da “estrutura universal [e considerando] outras intersecções” (RIBEIRO, 2020, p. 20). Givânia, Fe e Renata fizeram esse caminho reflexivo e nos convidaram a seguir com elas, apontando as contradições e as diversas modalidades de fragmentação da mulher universal, cuja apreensão e compreensão parece ainda um desafio para quem ocupa o espaço da categoria dominante (MATHIEU, 2021).

O segundo denominador comum, a ser definido antes de avançarmos, se refere ao lugar de onde falamos e atuamos. Com quem devemos debater o tema “Violência contra a mulher”? Estariam todos aptos a entrar nesse diálogo? Quem pode falar e quem deve ouvir? Para responder a essas perguntas é interessante considerarmos o que afirma Mathieu (2021) ao recomendar escutarmos as mulheres que, por sua experiência direta da dominação, teriam melhor conhecimento sobre seus efeitos. Decolonizar o pensamento do branco brasileiro passa por ver e ouvir quem foi desumanizado nesse processo de dominação, devolvendo-lhes a posição de sujeito político, criando espaço para que seus discursos contra-hegemônicos ecoem, restituindo suas humanidades negadas. Entretanto, é sabido que aquele “quem possui o

# Artigo

privilégio social, possui o privilégio epistêmico, dado que o modelo valorizado de ciência é branco” (RIBEIRO, 2020, p. 24).

Givânia, Fe e Renata trouxeram de suas jornadas alguns instrumentos para apurarmos os nossos sentidos e juntos enxergarmos não só as opressões, mas principalmente a maneira como são colocadas em prática nas imbricações sexo/raça, revelando, assim, os corpos socialmente construídos e aqueles mutilados e desmantelados. Partilhando seus processos de resistência, nos implicam em suas trajetórias e nos convidam a refutar o papel atribuído a tantas: invisíveis vítimas? Não! Revelam-se potentes e seguem na trilha que provoca e desestabiliza o que é considerado como dominante, convidando a refletir sobre a localização cultural e social do saber universal que, ao longo de séculos, desconsiderou a prática e a cosmogonia dos povos colonizados como legítima.

Com suas vozes, Givânia, Fe e Renata abrem uma brecha no tempo e no espaço, parindo as novas possibilidades de metamorfoses emancipatórias, mesmo que em fragmentos, delineando identidades políticas, unindo pensamento à prática e, com isso, refletem e enfrentam a lógica criadora das políticas identitárias que constroem esse cenário e seus elementos. Ampliam o debate sobre o projeto de sociedade e, mais uma vez, nos implicam no enfrentamento do que aí foi criado, como sugerem Gonzalez (2019) e Alcoff (2016), longe do olhar do colonizador, do outro que nos define.

Fica clara a importância da necessária interrupção do “regime de autorização discursiva”, que entende o discurso como um “amontoado de palavras”, para compreendê-lo “[...] como um sistema que estrutura determinado imaginário social” (RIBEIRO, 2020, p. 55). Givânia, Fe e Renata estão sim falando de poder e de controle, apresentando aos leitores outras visões, enriquecendo o debate conceitual sobre violência contra a mulher sem esvaziar os muitos saberes envolvidos em detrimento de sua localização social mais ou menos privilegiada.

O lugar imposto pelo que ocupa a posição dominante dificulta a possibilidade de transcendência? Sim! A condição imposta à mulher em nossa sociedade, considerando a divisão sexual do trabalho, obriga muitas, “sobretudo as negras” (RIBEIRO, 2020, p. 65), a partirem de pontos desiguais. A psicóloga, escritora, teórica e artista Grada Kilomba realizou em 2016 uma performance no Brasil chamada “Descolonizando o conhecimento” e expôs aos presentes, em alto e bom som, “não só a violência da produção de conhecimento clássico, mas também como essa violência é realizada em espaços acadêmicos, culturais e artísticas, que determinam tanto ‘quem pode falar’ como ‘sobre o que é que se pode falar’” (KILOMBA, 2016, s/p.).

# Artigo

Como nos revelaram as convidadas, a discussão que importa é a estrutural sobre o *locus social*, refutando a “irreal neutralidade epistemológica, [pela] necessidade do reconhecimento de outros saberes e a importância de entendê-los como localizados, [rompendo] com um postulado de silêncio” (RIBEIRO, 2020, p. 88). Passemos a elas.

## 2 DEBATE

Após a apresentação de cada participante e suas vivências nas respectivas áreas de atuação, o debate teve início por meio de uma rodada temática envolvendo os principais desafios vivenciados por mulheres em sua atuação e vida coletiva, sobretudo diante do contexto pandêmico e seus efeitos, bem como a relação destes com questões identitárias e ideológicas.

A primeira intervenção considerou o local de fala que possibilita a interpretação da realidade: Givânia Silva abordou as comunidades quilombolas, seu histórico de formação e o desafio de ressignificação desses espaços, que representam locais de resistência, cuja característica fundamental é a presença das mulheres e seu forte papel nas comunidades.

Na narrativa da palestrante, evidencia-se que o histórico de fome e desemprego são recorrentes e estruturais, cuja base é racista e patriarcal. Contudo, observa-se que a negação de direitos, o desmonte de órgãos técnicos de proteção e a descontinuidade das políticas públicas direcionadas são potencializadas de forma progressiva desde 2016: “[...] *A fome, o desemprego, então, isto não é uma condição, uma busca nossa, mas é uma imposição de um sistema que, por muito tempo, não conseguimos combatê-lo efetivamente*” (Givânia Silva).

Neste contexto, os desafios trazidos pela COVID-19 e suas consequências socioeconômicas intensificaram os processos de vulnerabilidade local e desigualdade existente, amplificando desafios de acesso à saúde, de deslocamento e à renda, bem como uma complexidade de infraestrutura de acesso à rede e energia elétrica insuficientes ou inexistentes.

Foram observados movimentos de mobilização e apoio entre as mulheres quilombolas, para acesso a itens de proteção, como máscara, e higiene, para os que não tinham acesso, assim como de ações informativas, de acesso à saúde e de recebimento de benefícios emergenciais, ambos liderados por mulheres. Processos de denúncia contra o Estado pela não assistência aos quilombolas e de luta para acesso à vacinação enquanto público prioritário também foram realizados: “[...] *Enfrentamos a pandemia e um pandemônio ao mesmo tempo, que é lidar com esse governo, com um governo autoritário, um governo que despreza a ação das mulheres, um*

# Artigo

*governo que acabou com as políticas voltadas para as mulheres, para as pessoas negras” (Givânia Silva).*

Ainda sobre os desafios enfrentados, Givânia Silva discorreu sobre a lógica de isolamento em um território compartilhado, vista como sem sentido por seus membros, graças ao compartilhamento do pertencimento ao território, que aproxima os integrantes das comunidades e faz com que os quilombos em sua totalidade sejam tidos como “casa”.

A fala foi encerrada com a perspectiva de futuro limitada, sendo a principal agenda a sobrevivência ao contexto e a manutenção da resistência e luta pela garantia de direitos, com ações de mobilização de governos e da sociedade civil. Para além do sobreviver, é almejada a vida digna para todas e todos, onde *“o bem viver só é capaz de ser falado, enunciado, de fazer com que a todos nós possamos nos manter vivos e vivas resistindo e vivendo com dignidade e não apenas lutando para sobreviver a todos os problemas que nós já tínhamos na nossa estrutura e foram acrescidos por autoritarismo [impulsionado por lideranças políticas atuais]” (Givânia Silva).* Com a construção demonstrada, foi ressaltado o sistema de exclusão anterior ao contexto pandêmico, que vai além da desigualdade de gênero, com agendas racistas, de desigualdade regional, entre outros mecanismos de subjugação.

De forma complementar, Renata Alves se identificou enquanto psicóloga que atende na atenção primária. Ela começou sua fala definindo o perfil das mulheres às quais atende, sendo em sua maioria dos entornos aos serviços de referência, representando desafios de acesso à recursos e a transporte.

Enquanto perfil, o padrão de mulheres sobrecarregadas com jornadas duplas, em vulnerabilidade socioeconômica e com autoestima e autoimagem comprometidas é absoluto, o que acompanha crenças de insuficiência e incapacidade, com efeito de menor perspectiva de ruptura com condições econômicas e sociais vivenciadas, afetando negativamente a busca por atendimento, assim como a vergonha e o receio de sofrer violências institucionais, como serem julgadas pelas situações em que se encontram.

Em sua escuta de mulheres, a palestrante percebeu grande aumento no número de casos de sofrimento em saúde mental, assim como a intensificação da gravidade dos casos atendidos e o aumento de casos de violência contra mulheres, *“[...] mas eu comparo a minha percepção em relação ao antes da pandemia, o período que eu trabalhei antes, e esse um ano e meio agora, o que a gente sentiu de mudança [...]” (Renata Alves).*

# Artigo

A escalada da violência sofrida por mulheres foi trazida como ponto de atenção em sua progressão, enquanto psicológica, física, patrimonial e sexual, sendo as violências psicológicas as menos perceptíveis para as vítimas e menos denunciadas: *“Muitas vezes, a questão da violência psicológica é menos denunciada porque a gente é mais tolerante a isso, né, a gente cresce aprendendo que é normal sofrer bullying, racismo na escola, ser humilhado, a gente tem uma tolerância muito maior”* (Renata Alves).

É necessária a ampliação de rede especializada para atendimento de mulheres e de agressores, para que alcancemos o rompimento real dos ciclos de violência observados, assim como políticas de enfrentamento à naturalização das violências, tidas como toleráveis por critérios sócio-históricos, a depender da realidade experimentada, que muitas das vezes são consequências de vivências familiares e de comunidades do entorno com características violentas, tidas como normalizadas.

A fragilização dos aparelhos públicos, associada a alta demanda de bairros vulneráveis e superpopulosos frente a sobrecarga do sistema e cortes de verba, são fatores centrais no contexto de precarização dos atendimentos a população. Neste cenário, foi trazido ao debate o critério da interseccionalidade enquanto importância do reconhecimento da complexidade da somatória das vulnerabilidades de mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência, da comunidade LGBTQIAP+ ou em vulnerabilidade econômica: *“[...] A gente vai pensar na questão na interseccionalidade, né, da somatória das vulnerabilidades, onde que está a mulher negra, pobre, não heterossexual, a mulher transgênero, a mulher com deficiência física, que lugar essa mulher ocupa no social?”* (Renata Alves).

Encerrando a mencionada rodada, Fe Maidel relatou, enquanto psicóloga clínica e articuladora de movimentos sociais da população LGBTQIAP+, o receio de ocupação dos espaços públicos, experimentado principalmente por pessoas trans, durante o contexto pandêmico. Dentro dos atendimentos emergenciais instituídos, estão as consultas psicológicas gratuitas, online e presenciais, de abrangência nacional. Os efeitos econômicos da pandemia para prestadores de serviços e pessoas que trabalham artisticamente e a alta taxa de desemprego afetaram intensamente a comunidade LGBTQIAP+, visto que os serviços onde esta comunidade mais atua, como salões de beleza e casa de shows, foram os mais afetados, tidos como serviços não essenciais. Então, redes de apoio informais para doação de alimentos foram implementadas, com a logística de entrega para as pessoas em vulnerabilidade mapeadas:

# Artigo

*“[...] A pandemia colapsou toda a economia da população LGBT, que vive, principalmente, da prestação de serviços, que vive de espetáculos públicos, [...] simplesmente não havia trabalho. Começaram a se estabelecer redes de apoio e captação de cestas básicas de maneira muito informal e de envio de viveres, principalmente, para as periferias” (Fe Maidel).*

Assim como a violência doméstica e a toxicidade nas relações – intensificadas em momentos de crise –, os gargalos sociais expostos pelas lógicas racistas, sexistas, misóginas, de desigualdade de acesso à educação, trabalho e renda, devem ser endereçados com a reconexão das pessoas com seu próprio potencial criativo e financeiro. As intervenções têm como meta o fortalecimento da resiliência, o resgate da autonomia, da dignidade e da autoestima das pessoas atendidas, por intermédio da ativação de trabalho em rede, ressaltando a importância do pensamento voltado para o coletivo no enfrentamento dos desafios expostos.

As convidadas versaram também sobre a possibilidade de acesso à informação e maneiras de pensar estratégica e coletivamente, para que assim possamos atravessar as adversidades impostas pela questão social e pelo momento pandêmico. As três falas nos levam a construir condições para transpor as contradições visibilizadas neste momento de crise, pensando na construção e reconstrução de uma nova sociedade, visto que nosso horizonte é trabalhar com identidades em processo de emancipação e na configuração de possibilidades de reação contra as políticas identitárias regulatórias, que impõem uma determinada forma de ser.

A partir do panorama que Givânia Silva expôs sobre a vivência e sobrevivência da população quilombola, ela foi convocada a exteriorizar em detalhes as estratégias que as mulheres quilombolas estão construindo para sobreviver ao contexto pandêmico e as suas especificidades no atual cenário político. A convidada primeiramente nos chamou a atenção para as invisibilidades das mulheres quilombolas, tanto na participação política quanto nos processos de resistência. Ressaltou ainda que, no imaginário social, os quilombos são tidos como algo que faz menção ao período de escravidão e, nessa perspectiva, as mulheres quilombolas somente ganham destaque a partir do desempenho das atividades domésticas: *“Elas podem até não ser visualizadas, mas a ação política quando a gente é descrita é somente com as atividades domésticas” (Givânia Silva).*

No entanto, nos advertiu que, na modernidade, vivemos ainda períodos de escravidão, pelos meios de comunicação, por exemplo: *“[...] Mas a escravidão, ela não está no quilombo apenas, ela está na sociedade, nós estamos vivendo a escravidão moderna e achamos que*



# Artigo

*estamos evoluindo. Nós analisarmos o dia de ontem é um bom parâmetro para pensarmos o que é a escravidão mental” (Givânia Silva). Ela apontou como solução para essa invisibilidade a promoção do conhecimento sobre a história dessas mulheres e sua participação social.*

Com relação às estratégias de sobrevivência adotadas por essas mulheres, foi apontado a aposta na vivência da coletividade preservando a individualidade, demonstrando uma preocupação não só individual, mas também coletiva, em particular na de outras mulheres chefes de família. Relatou, também, a construção de redes de apoio, a conscientização sobre os cuidados em saúde no momento pandêmico e a extensão dos saberes ancestrais, como o uso de ervas, chás e outras ferramentas da medicina caseira e natural:

*“[...] Como essa solidariedade já é uma característica da coletividade e já são características das mulheres quilombolas, na pandemia elas se fortaleceram e fizeram valer e pensar sobre a vida de cada uma delas, estendendo esses saberes de curas, dos chás, da medicina caseira alternativa e natural, que fosse do aprender a fazer algo de proteção a vida” (Givânia Silva).*

Givânia encerrou sua contribuição expressando seu pesar com o descaso com a saúde e cuidado desempenhado por algumas pessoas, evidenciando que, talvez, a grande questão e o maior desafio da sociedade para ultrapassar os problemas sociais exacerbados pela pandemia seria sustentar a capacidade de cada um pensar em si e no próximo:

*“[...] As mulheres do quilombo Barra de São Benedito, elas começaram a fazer, aprenderam fazer máscaras, aprenderam a fazer sabão, fizeram campanhas para que as mulheres do Quilombo de Barreirinhas não viessem para a cidade porque aí a gente já estava mostrando para elas e para eles que a ida para cidade era também um perigo” (Givânia Silva).*

Neste momento, Renata Alves foi convocada a discorrer sobre como melhorar o sistema de notificação dos casos de violência sofridos por mulheres que estão em vulnerabilidade social, dado que esse tipo de violência se agravou com o advento da pandemia. Além disso, foi convidada a falar sobre os meios adotados pela atenção básica para aumentar a visibilidade e o acesso aos cuidados a essas mulheres, a forma de acolhida que elas precisam nos demais serviços de saúde e como pensar uma articulação da rede de saúde de maneira mais eficaz.

# Artigo

A primeira pontuação feita pela convidada foi no tocante ao aumento dos investimentos, tanto material quanto profissional, para melhorar a acolhida das mulheres que se encontram em situação de violência, melhorando a precisão dos dados estatísticos fornecidos e a consequente atuação dos profissionais de assistência: *“Ter uma estrutura melhor que possa acolher essas mulheres com mais profissionais, que não estejam sobrecarregados e que tenham a capacidade de cuidados” (Renata Alves).*

Renata chamou atenção para a necessidade de comunicação entre os serviços de assistência a essa população e o setor judiciário, pois dessa forma supriria os casos de subnotificação e impediria o agravamento de casos de feminicídio, que aumentaram ainda mais no período pandêmico: *“Eu acredito que as pessoas podem ter um outro olhar, dar outra acolhida, a gente tem uma rede forte com a assistência, por exemplo, mas não com a segurança e com a justiça, é algo muito pontual, talvez trazer para mais perto esses serviços que estão mais distantes, como as delegacias da mulher” (Renata Alves).*

Finalizando sua fala, Renata apostou no fortalecimento das potencialidades dessas mulheres, para que elas possam ter autonomia em sua própria vida, compreendendo melhor suas necessidades, seus desafios e transpô-los:

*“[...] Compreender melhor o outro e suas necessidades, tornar o outro mais autônomo, mais independente, compreendendo que você é um sujeito de potência, essas são as ferramentas que estão a sua disposição e elas estão aqui para que você consiga ir mais adiante e ter autonomia sobre sua própria vida, ver suas próprias necessidades e desafios” (Renata Alves).*

Já a convidada Fe Maidel, que promoveu sua intervenção a partir da perspectiva da população LGBTQIAP+, foi requisitada a discorrer sobre a sua atuação com esse extrato social, apontando as estratégias adotadas junto aos coletivos que dão suporte a essa população, os desafios enfrentados em busca da dignidade dessas pessoas e quais as potências observadas, em especial no grupo de mulheres trans que são marginalizadas, que podem auxiliá-las na luta e na resistência contra a necropolítica que se fortaleceu com a pandemia.

Em resposta, Fe Maidel indicou que, enquanto profissionais que atuam em conjunto com essas pessoas, nosso trabalho é fazer com que elas se aproximem de seu potencial, instrumentalizando-as por meio da organização das comunidades, auxiliando no estabelecimento de redes de apoio sólidas que tragam benefícios para a comunidade, através de

# Artigo

alianças produtivas, criativas e confiáveis: *“Nós vamos lá e mostramos, gente vem cá, nós não iremos ensinar como fazer, a gente vai ensinar como enxergar o potencial, esse é o nosso papel como acadêmicos, como estudiosos, como ativas no processo de organização” (Fe Maidel).*

Em suma, as contribuições apresentadas por Givânia Silva, Renata Alves e Fe Maidel, como que em uníssono, referiram-se ao conhecimento da história, das lutas e participação social das mulheres dos mais diversos lugares, apostando na força do coletivo, na educação em busca do enfrentamento e da melhoria de vida como uma possível saída da situação de vulnerabilidade, sempre preservando a diversidade e fazendo prevalecer as diferenças, para a construção de uma sociedade mais equânime.

Finalizando o debate, as três participantes passaram uma mensagem sobre a coletividade e a união para o enfrentamento dos temas tratados. Assim, Fe Maidel trouxe a luz que a necropolítica está atrelada ao dia a dia, e que durante a pandemia as mulheres sofrem muito mais: *“Quando a gente vê que as mulheres durante a pandemia foram as que mais pagaram o preço, a gente vai ter que analisar por que a corda está roendo nesse lugar e é aí que a gente tem que intervir” (Fe Maidel).* Relatando o desfavor que algumas autoridades fizeram durante o período pandêmico, a palestrante colocou a proposta de uma ressignificação para esses cargos e saberes, ressaltando a importância da pesquisa, ciência e saber acadêmico.

Também desvelou, nesta mensagem final, a relevância de compreender o fascínio que algumas pessoas têm e a periculosidade da sustentação de uma ideia pautada no preconceito, estimuladas por uma “ajuda nada favorável” de um governo que não apresenta políticas públicas ou qualquer forma de intervenção para que haja um amparo para as mulheres: *“A gente tem que ficar de olho neles, Hitler subiu ao poder assim, Mussolini subiu no poder assim, eles estão copiando a métrica deles. [...] A gente tem que ler e entender como isso funciona, porque isso apaixona tanto as mentes, para que possamos desmistificar isso” (Fe Maidel).*

Para finalizar, a convidada fez um apontamento com relação ao poderio das autoridades e a necessidade de um olhar mais clínico sobre elas, atentando para que as mesmas não possam chegar ao poder com pensamentos que atrasam e até mesmo prejudicam as minorias sociais: *“Eu acredito muito na questão da resiliência, buscar forças, buscar meios de resistir porque não tem outra saída e a gente tem que se entender mais a nível individual, conhecer nossas limitações e aceitar as limitações do outro e buscar apoio em nossas dificuldades” (Fe Maidel).*

Renata Alves trouxe, então, a resiliência e a resistência como armas para combater tais dificuldades, entendendo as limitações de si e do outro. É nessa busca de achar o semelhante

# ..... Artigo .....

que também se busca a construção de uma identidade. E, nessa construção, a troca do frágil para o forte, por meio de todo apoio que se possa encontrar: *“Eu vou mudar desse padrão de identidade da pessoa que se vê frágil e buscar uma identidade de resiliência, de coletividade, que às vezes sozinho a gente não consegue, mas procurar se apoiar em pessoas que são suas semelhantes ou não, que simpatizem e possam dar esse suporte”* (Renata Alves).

A palestrante colocou a questão da meritocracia como algo delicado para se falar, fazendo todos nós refletirmos sobre o lugar que cada um está e como chegou até ali. A percepção do outro, o contexto no qual está inserido e sua história são fundamentais para o fortalecimento de uma resistência.

Por fim, Givânia Silva disse que o machismo é uma construção social e mostrou a compreensão como uma forma de entender o todo, defendendo que é no todo que se pode vencer as questões que assolam os temas trabalhados. Assim, ela mostrou que o posicionamento diante dos problemas como racismo, lesbofobia, transfobia, já se revela um meio de luta contra essas questões: *“[...] Nós sejamos compreensíveis e entendamos que essa sociedade é de todos nós e que se esse mal persegue corpos, se esses males ainda eliminam corpos, todos nós somos responsáveis. [...] Eu posso ser alguém, uma pessoa para lutar contra isso”* (Givânia Silva).

Dentro desta esfera apresentada, a convidada fez um convite para a luta pela democracia e por acessos, defendendo a equidade destas pessoas: *“[...] Não tem algo mais perverso, esperar os negros e as negras contra o racismo, que enriqueceu e enriquece tanto, mas que ao mesmo tempo mata tantas pessoas todos os dias, esperar que só elas se indignem com isso é muita perversidade”*. Nesse sentido, cada um pode fazer a sua parte para que sejam vencidos os problemas que permeiam as minorias: *“[...] [para que] respeitam a diferença e garantam acessos iguais a pessoas diferentes, cada um tem que fazer alguma coisa”* (Givânia Silva).

A convidada pontuou, ainda, diferentes questões como desmatamento e poluição, ressaltando que elas precisam ser combatidas por todos e não apenas por quem lida diretamente com isso: *“A questão da poluição, a questão do desmatamento, a questão das grandes queimadas, a questão da mineração, a questão da pobreza, não é problema de uma pessoa e nem de um grupo social, é de toda sociedade brasileira [...]”* (Givânia Silva). Deste modo, ela encerrou a sua fala fazendo entender que tudo isso é um problema social, visto que fazemos parte desta sociedade, logo, também passa a ser problema nosso: *“Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas, uma não existe sem a outra”* (BAIRROS, 1991, p. 461).

# Artigo

## 3 REFLEXÕES FINAIS

Armadas para o bom combate, é possível afirmarmos que Givânia Silva, Fe Maidel e Renata Alves lançaram as bases para pensarmos possibilidades de ações conjuntas, acenando, como sugerem Mano e Falquet (2021), com a probabilidade de estarmos do mesmo lado no campo de batalha que está posto e, quiçá, reconstruirmos as pontes queimadas pelo individualismo. Lutas coletivas são fundamentais para fazer aflorar novos pontos de vista, desconstruindo e desnaturalizando o que está cristalizado, em busca da ressignificação dos espaços de resistência, onde as mulheres desempenham um forte papel enquanto lideranças comunitárias, principalmente em contextos de intensificação de vulnerabilidades agregadas pela realidade criada pela pandemia e seus desdobramentos, em critérios econômicos e sociais.

A agenda incluiu os enfrentamentos da escalada de violências sofridas e de sobrecargas de jornadas em ambientes domésticos, o fortalecimento da autoestima e da autoimagem de mulheres, as lutas por sobrevivência, defesa de direitos e ocupação segura do espaço público, com acesso à renda, trabalho, moradia e saúde. Sendo que, para além da desigualdade de gênero, mulheres negras, com deficiência, da comunidade LGBTQIAP+ ou que convivem com menor acesso a renda e maior desigualdade regional, são as que se encontram em situações mais vulneráveis, tornando-se, elas mesmas, as mais vulneráveis.

Pontos de partida diversos e plurais? Enxergar para enfrentar, assim escreveu a pensadora Mathieu (2021), criando a estrutura primeira para pensarmos nessas possíveis ações conjuntas. Enquanto isso, o poeta Galeano nos inspira ao dizer que o horizonte utópico se move à medida que nos aproximamos dele. Será possível uma utopia coletiva? Mathieu (2021) sugere que o primeiro passo precisa revelar a medida da consciência dominada e assim permitir a compreensão das formas de resistência que, no Brasil, se estruturam sobre o machismo, o racismo e o colonialismo.

Com isso, Santos (2020, p. 6) afirma ser urgente nos atentarmos para o termo mercado, o “megacidadão informe e monstruoso que nunca ninguém viu nem tocou nem cheirou, um cidadão estranho que só tem direitos e nenhum dever. É como se a luz que ele projeta nos cegasse” e nos impedisse de acreditar que há, sim, outra maneira de existirmos no mundo, na vida, longe da “ciência [...] que soube colocar as descobertas acerca do aprendizado humano a serviço do capital” (SANTOS; MEIRELLES, 2021, p. 12). Seria possível pensarmos nessa

# Artigo

outra forma de existirmos, uma utopia emancipatória como meta visada? Ciampa (2005) nos diria que sim, afinal, o indivíduo não é algo dado, ele é o que faz.

## Das Utopias

Se as coisas são inatingíveis... Ora!  
Não é motivo para não querê-las  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas  
(QUINTANA, 1951, p. 36).

## REFERÊNCIAS

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xRK6tzb4wHxCHfShs5DhsHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

BAIROS, Luiza. Mulher negra: o reforço da subordinação. *In*: LOVELL, Peggy (org.). **Desigualdade racial no Brasil contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1991.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GONZALEZ, Lélia. The black woman's place in the Brazilian society. *In*: NATIONAL CONFERENCE AFRICAN-AMERICAN POLITICAL, 1984, Baltimore. **Anais [...]**. Baltimore: Caucus/Morgan State University, 1984.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**: uma palestra performance de Grada Kilomba, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra/>. Acesso em: 17 abr. 2022.

MATHIEU, Nicole-Claude. **A anatomia política**. Salvador: EDUFBA/Neim, 2021.

MANO, Maíra Kubík; FALQUET, Jules. Prefácio à edição brasileira. *In*: MATHIEU, Nicole-Claude. **A anatomia política**. Salvador: EDUFBA/Neim. 2021.

..... **Artigo** .....

QUINTANA, Mario. Das utopias. *In*: QUINTANA, Mario. **Espelho mágico**. Porto Alegre: Globo, 1951.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Thais Felipe Silva; MEIRELLES, Vanessa. Remotamente perto: o trabalho assalariado invade a vida privada. **Serviço Social e Saúde**, Campinas, v. 20, p. 1-17, 2021.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8668113/27960>. Acesso em: 15 jun. 2022.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.).

**Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Recebido em: 30/08/2022

Aceito em: 03/03/2023



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.